



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do Selo “Unicef Município Aprovado” - Edição 2008**

Recife - PE, 02 de dezembro de 2008

Marinho, você poderia vir falar aqui no meu lugar. Dê um pouco de gente, um monte de máquinas fotográficas e um microfone, e um pernambucano não recusa a palavra. Eu vou falar muito rapidinho, porque eu acho que tanto a Daniela Mercury como o companheiro Marinho, a companheira Creusa e a nossa companheira Marie já falaram o que tinha que falar.

Antes de vir para cá, eu estava numa reunião com os nossos queridos governadores, e o assunto, Marie, foi exatamente prefeitos. O Eduardo Campos dizia hoje de manhã que no Brasil houve um tempo em que o prefeito culpava o governador, o governador culpava o presidente da República, o presidente da República culpava os prefeitos, os prefeitos culpavam o governador, ninguém assumia responsabilidade por nada e as coisas terminavam não acontecendo no Brasil.

Agora há pouco eu dizia aos governadores que no dia 10 de fevereiro eu estarei fazendo uma convocação de todos os prefeitos... uma convocação, não, um convite para que todos os prefeitos e prefeitas brasileiros se dirijam a Brasília para a gente fazer uma conversa, estabelecer um pacto. Sempre que tem a Marcha dos prefeitos é aquela coisa: os prefeitos chegam lá com uma pauta de reivindicações, falam dez ministros, dez prefeitos, termina... Agora eu quero ter uma prosa. Eu vou fazer uma pauta de reivindicações para vocês, para estabelecer uma cumplicidade boa, para a gente resolver os problemas que o Brasil ainda tem para resolver.

Na reunião dos governadores eu dizia exatamente sobre a questão da mortalidade infantil. Todas as pesquisas que nós fazemos no Brasil, quando



chega na região Norte e Nordeste nós temos um crescimento do índice da mortalidade infantil. Quando nós discutimos a questão do analfabetismo, quando chega no Norte e no Nordeste aumenta o número de analfabetos. São várias coisas que, quando chegamos às regiões mais pobres do País, aumenta o número de deserdados no nosso país.

Na verdade, nessa reunião eu quero discutir com vocês que parceria nós poderemos construir entre governadores, presidente da República e prefeitos para que a gente possa resolver esse problema. Como é que nós vamos fazer para que o índice de mortalidade infantil no Brasil possa chegar a padrões, como um país pobre como Cuba tem, de menos que 9,8 por 1000? Como acabar de uma vez por todas com o analfabetismo, se todos nós acreditamos que educação é a peça chave para que o Brasil entre, definitivamente, no patamar dos países altamente desenvolvidos?

Essas coisas, no fundo, no fundo, estão ao nosso alcance. Eu sou de uma família em que minha mãe teve 12 filhos, todos em casa, e perdeu quatro. Mas também, os oito que sobraram, dentre os quais eu sou o caçula dos homens... eu nunca lamentei que as coisas não dessem certo na minha vida e nunca fiquei lamentando as lágrimas derramadas no dia anterior.

Eu aprendi muito cedo a ir à luta, e houve um tempo em que nós, na Administração Pública brasileira, ficávamos procurando culpados pelas nossas mazelas e não assumíamos a responsabilidade pela nossa impotência ou pela nossa incompetência de fazer as coisas. Não existe espaço para prefeito nenhum do Brasil, nem prefeita, nem governador, nem presidente da República ficar chorando que não cuida da educação porque não tem dinheiro, que não cuida das crianças porque não tem dinheiro. Às vezes o dinheiro até que existe. É que a gente não define corretamente que cuidar daquela criança é prioridade número um na nossa vida pública.

Muitas vezes nós tentamos fazer 200, 300 coisas ao mesmo tempo quando, na verdade, se a gente definisse uma coisa a cada ano, em quatro



anos a gente faria quatro coisas. Como a gente não define prioridades, a gente pensa que vai fazer muita coisa, termina o mandato e a gente não completou nenhuma das coisas que pensou em fazer.

Então, eu penso, e eu digo sempre para a Marie, que o Brasil vai, em 2015, se apresentar na ONU e vai cumprir todas as Metas do Milênio que foram assinadas em Roma. Este país, Marie, tem condições de cumprir, nós temos gente especializada para cumprir, nós temos gente com vontade de cumprir isso, nós temos os instrumentos para cumprir. Este é um país potencialmente muito rico e socialmente injusto, porque durante séculos foi assim: a maioria não podia nada e uma minoria podia tudo. Graças a Deus, o povo está, aos poucos, ajeitando as coisas. O prefeito não é bom? Muda ele. O outro que vem é pior, enganou o povo? Mas daqui a quatro anos ele vai mudando, e aos poucos ele vai encontrando as pessoas certas para fazer as políticas certas.

Marie, eu tenho dito nos meus discursos: a coisa mais barata para um governo fazer é cuidar exatamente dos pobres. Eles custam nada. Eu digo sempre que um rico quando entra na minha sala, quer logo “Presidente, eu estou precisando de 2 bilhões, 3 bilhões”. O pobre entra apenas para dar a mão para a gente. Às vezes você dá 1 bilhão para um financiamento, e ele sai de lá mal-humorado com você. Você dá 75 reais para uma mulher pobre dar comida para o filho, e ela sai agradecida a Deus todo santo dia por ter conseguido isso.

Eu não quero culpar nenhum prefeito, quero terminar o meu mandato em 2010 e jamais culpar um prefeito ou um companheiro governador por alguma coisa. Eu quero sair com a lembrança do esforço que nós fizemos para cumprir a missão que nós nos propusemos a cumprir quando fomos às ruas pedir votos.

Posso dizer para vocês: eu conheço hoje muito o mundo, Eduardo. Tenho consciência, Daniela, de quanto o Brasil hoje é levado a sério. Mas não



é levado a sério pelos belos olhos do Presidente da República, que não são tão belos. É levado a sério pelo conjunto de políticas públicas que está acontecendo neste país, por governadores que estão aqui comprometidos, por prefeitos que estão aqui comprometidos, por gente da sociedade civil organizada, por pessoas como você, como Creusa, como Renata, como o nosso querido Marinho que se dispõem a dedicar um pouco do seu tempo, um pouco do seu conhecimento para estender a mão àqueles que mais precisam da gente.

Eu tive, ontem e hoje, Eduardo, só dias de alegria. Eu estava vendo os números aqui, toda essa coisa começou no Ceará em 2002, 2001, depois foi estendida a todos os estados com um pacto. Hoje já tem em Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Serão entregues selos a 259 municípios: 33 da Bahia, 8 do Maranhão, 21 de Pernambuco, 17 de Minas Gerais, 65 do Ceará, 20 da Paraíba, 7 do Espírito Santo, 33 do Piauí, 40 do Rio Grande do Norte, 8 de Alagoas, 7 de Sergipe. Os outros estados entraram por último, mas logo, logo vai ter uma disputa.

Qual é a coisa que vocês fizeram, gente? Qual é o milagre? Vocês foram apenas decentes e resolveram dedicar o mandato de vocês para cuidar daqueles que mais precisam dos governantes, que são as crianças e os pobres deste país.

Ontem eu participei de uma coisa – Creusa, você que é professora –, participei de uma coisa extraordinária: Olimpíada de Português. Nós a bolamos em 2005. Fizemos as primeiras inscrições no ano passado, e neste ano, Eduardo, 6 milhões de crianças se inscreveram para participar da Olimpíada de Português.

Na Matemática, em 2004, nós tínhamos apenas 274 mil crianças no Brasil, das quais o Ceará era campeão. O Ceará era campeão, ganhava prêmios internacionais, era o estado que tinha mais... só tinha crianças de



escolas particulares, não tinha crianças de escolas públicas. O Tarso Genro era ministro, e eu falei: Tarso, vamos fazer nas escolas públicas. Aí aparecem os otimistas de sempre: “Não, não vai fazer, porque criança de escola pública não tem interesse, ninguém vai entrar”. Sabe aquele negócio assim, aquele desprezo? Aquele cara que abre uma cerveja no barzinho e fala: “A brasileira não é boa. A boa é daquele país. A roupa brasileira não é boa, o sapato não é bom, a comida não é boa”?

Eu vou contar uma coisa para vocês. Um dia, quando a gente aprender que a nossa auto-estima em gostar deste país é uma peça importante, a gente nunca mais vai ser tratado como cidadão de segunda classe. Nunca mais.

Nós começamos a fazer as inscrições das crianças. Na primeira Olimpíada, em 2005, se inscreveram 10 milhões de crianças; na segunda, se inscreveram 14 milhões de crianças. Na segunda teve eleição para governador e presidente, e o Tribunal Eleitoral não deixou a gente fazer nem um papelete para colocar nas escolas, porque era uso eleitoral. Inscreveram-se 14 milhões de crianças. Na terceira, se inscreveram 17 milhões de crianças. Sabem, neste ano, quantas crianças se inscreveram na Olimpíada de Matemática? Dezoito milhões e 300 mil crianças se inscreveram na Olimpíada de Matemática.

Quando nós começamos, o pessoal falava: “Nós precisamos alcançar o nível da Argentina, que tem um milhão, ou dos Estados Unidos, que tem 6 milhões. Hoje nós já temos três vezes mais do que a Olimpíada dos Estados Unidos. A de Português, eu não tenho dúvida, nós vamos fazer mais uma vez no ano que vem. E no ano que vem vamos começar a fazer de Ciências ou, quem sabe, de Física. Nós vamos escolhendo as matérias mais complicadas e vamos criando motivação para essas crianças fazerem do aprendizado uma brincadeira. No dia em que as crianças perceberem que ir à escola é um prazer e não um sacrifício, nós teremos resolvido o problema da educação neste país.

Por isso, Marie, companheira Creusa, companheiro Eduardo Campos, companheira Renata, companheira Daniela Mercury, companheiro Marinho,



companheiros governadores, ministros, prefeitos, deputados, quero dizer para vocês: são pessoas como vocês, que agem com seriedade 24 horas por dia, que estão dispostas a dar o tempo de vocês para atender aqueles mais necessitados, que (me fazem acreditar) na melhora da classe política brasileira, que (me fazem acreditar) que este país, dentro de alguns anos, será uma potência econômica sem dever nada a nenhum país.

Quando eu tentei fazer a transposição do rio São Francisco, Eduardo, eu vivia um dilema, porque meus amigos da Bahia tinham divergência, os de Pernambuco gostavam; os de Alagoas tinham divergência, os do Ceará gostavam; os de Sergipe tinham problema, os companheiros do Rio Grande do Norte gostavam. Eu falei “três a três”, então eu vou desempatar, e desempatei por uma causa nobre.

Eu aprendi sabem onde? Não no meu Nordeste. No Canadá eu aprendi uma frase, olhando a neve. Sabe nordestino, que só via neve na televisão? Um dia eu fui ao Canadá: 26 graus abaixo de zero. Eu via aquele povo se divertir na neve, um jogava neve no outro, e não via ninguém reclamar da neve. Aí eu pensei: espera aí. Por que é que aqui ninguém se incomoda com a neve e no Nordeste o pessoal vive dizendo “É preciso acabar com a seca, é preciso acabar com a seca”? Então eu descobri que no Canadá, em vez de tentar acabar com a neve, eles estabeleceram uma política de boa convivência com a neve.

Aqui no Brasil nós deveríamos, em vez de acabar com a seca, estabelecer uma política de convivência com a seca. Como não foi dado a nós o direito de fazer chover, mas foi dado o direito de tomar emprestado de Minas Gerais, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia um tiquinho de água para os outros estados daqui a um tempo... Só por provocação, eu chamei logo um baiano para poder tocar a coisa. Começou com um cearense, que era o Ciro... Não, começou com um mineiro, que era o José Alencar, passou para um cearense, que era o Ciro Gomes, e agora um baiano para puxar.



Se Deus quiser, até 2010, nós vamos inaugurar parte do projeto de revitalização do rio São Francisco para essas crianças poderem ir à escola com água de qualidade, para os seus pais plantarem com água, para as nossas cabrinhas não morrerem, e a gente dizer: finalmente, alguém no Brasil cumpriu aquilo que D. Pedro tentou criar em 1847 e que não conseguiu. Quase 200 anos para tentar fazer um canal para levar água aos (inaudível) que não têm.

É com essa crença, Marie, que eu sou o mais otimista dos brasileiros. Quando eu vejo essa crise aí, todo mundo falando “porque a crise, a crise...” Essa crise é o seguinte: eu sou um homem que gosta de crescer na crise, me provoquem que eu fico com muito mais vontade de crescer. Os países ricos se meteram numa encalacrada. Pareciam tão poderosos, mas viviam de especulação, ganhando dinheiro sem produzir um botão. Eu aprendi, na minha vida, que se eu quisesse comprar uma televisão, eu tinha que fazer 60 horas extras por mês na fábrica, para comprar a televisão. Agora eu vejo as pessoas ganharem bilhões e bilhões sem produzir uma folha de papel. Quebrou. Nós, que não especulamos, vamos dizer ao mundo: nós sabemos que a crise é delicada, mas este país vai sair dela e vai dar uma lição ao mundo, de que a gente não perde por ser sério, a gente não perde por ser responsável, e quem quiser ganhar dinheiro, trabalhe. Especular não é forma de ganhar dinheiro, nem no Brasil e nem em nenhum lugar do mundo.

Parabéns ao Unicef. Parabéns ao estado de Pernambuco. Parabéns aos nossos queridos prefeitos. Quando alguém falar mal de prefeito, eu falo: eu estava lá no prêmio do Unicef e vi que cresceu muito o número de prefeitos. Deus queira que no ano que vem a gente tenha o dobro de premiação, no outro ano o triplo, e eu ainda esteja vivo para participar da última reunião em que a gente vai anunciar: finalmente, o Brasil entrou no rol dos países de Primeiro Mundo no controle da mortalidade infantil.

Um beijo, um abraço, e que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
